

# *Com Papéis*

Catitu Tayassu\*

*A primeira vez que nos vimos eu espreitava atrás de uma vitrina e ele corria atrás de um pedaço de papel que o vento empurrava e empurrava, outra vez, mais longe e, novamente, aquém do encaço, numa tola insistência contra o alcance das mãos e o ziguezague dos pés. Um e outro, dando passos, o corpo rebaixado na tentativa de agarrar o fragmento, mãos no chão, mãos em atraso e, assim, a tenacidade do vento, apesar de seus passos ligeiros e a agilidade de suas mãos que num certo momento quase conseguiram! Mas foi um quase sem reter o teimoso pedaço da folha que, outra vez, ligeiro, correu.*

*Minutos depois o papel, talvez, farto de servir como diversão para o vento acabou de vez com a brincadeira. Refugiou-se no meu sapato. Respirou. Desistiu. Agarrou-se à borda da sola e foi, nesse momento, que nos olhamos, por um instante, quando eu abaixei, ele também, eu desisti, ele não e, assim, ouvi o seu pedido de licença, assisti o seu sorriso de cortesia quando, enfim, desapegou o papel, tomou-o para si, olhou, suspirou e meteu-o no bolso.*

*Desse modo acabou o caso entre o papel e o homem de rua. De outro modo começou o meu caso com aquele homem de papel no canto da rua.*

\*\*\*

*A primeira vez que nos vimos, eu, espreitava o que existia atrás de uma vitrina, ele, conhecia aquela vitrina de outras ocasiões no mesmo quarteirão. Continuei grudada, mãos no vidro, mais próxima possível e*

contra a luz para poder enxergar os móveis e os detalhes da decoração cuidadosa e finamente arranjada. A loja era uma réplica perfeita sobre os interiores de uma casa. Constituía, por si, um modelo para quem, ali, viesse em busca de idéias, mobílias, tapetes, quadros e os mais diferentes adornos em madeira, metal, vime, tecido, fibra, vidro, bronze, cerâmica e resina.

Ele apontou para as vidas atrás da vitrina. Explicou-me que o lugar pertencia, há muitos anos, a uma mesma família. Esta tanto reformava e revendia objetos antigos e peças de seleção quanto vendia móveis e ornatos encomendados sob medida. Para a minha surpresa acrescentou que a loja servia, também, como moradia. A sala-de-estar recebia, de quando em quando, a visita de amigos e parentes e, no fundo da loja, a partir dos três biombos (que ele apontou com o dedo) havia uma copa conjugada à sala-de-jantar, um lavabo e, do outro lado, um recinto não muito longe da chaminé. A cozinha via-se muito bem, equipada e instalada, logo a seguir em cômodo próprio. No fundo do terreno, descrito pelo homem, morava um jardim, cujo canto esquerdo alojava um ateliê destinado ao restauro e às novas encomendas. No segundo andar, após a escada em madeira de lei, encontravam-se os quartos. Um deles com suite e um segundo colado à casa de banho, separada do toalete e, por fim, um salão, sem televisão, apenas tapetes, almofadas, um aparelho de som, uma rede e uma biblioteca do outro lado da parede.

Permanecemos imóveis face ao testemunho daquelas vidas por detrás do vidro: um homem, de meia-idade, uma mulher, da idade da dele e, uma jovem entre as idades atribuídas às mais adolescentes. Eles conversavam, comiam e riam em torno de uma mesa farta e variada. Havia frutas, queijos, cereais, ovos mexidos, leite, iogurte, vinho, presunto, água, suco e biscoitos. A mesa contava, pelo menos, a idade dos três, embora bastante conservada: madeira nobre, cor pardo-avermelhada, viva e brilhante como mobília de sapucaia.

Eu vivi, por alguns minutos, através de cada vida dentro do vidro. Provei de seu surrealismo unido ao asfalto, ao urbanismo e ao coração da cidade. Senti admiração e, pela primeira vez, ou não, fui tomada pela inveja. Era, talvez, um começo de prazer, mas indefinido. Porém, como todo prazer privado da satisfação, a inveja cedeu à frustração. Ele, no entanto, menos calado e mais faminto. Saboreava, atrás do vidro e no peito

*da rua, o gosto que tem cada alimento e que a vontade molhada aos lábios redescobre apenas pelo olhar, apenas pelo desejo e por um prazer insaciável. Sequer ele tocava o vidro. Olhava. Comia. Engolia. Mastigava. Repetia. Orientado pela memória ou pelo olhar no comando do gosto; o gosto guardado e conhecido de outras tantas vezes.*

*Em outro tempo ele havia trabalhado para aquela família, por isso, conhecia tão bem os pormenores do imóvel, mas não quis mencionar o motivo que o afastara do lugar. Seu rosto tinha a fome que a comida ensina a ter, quando habituados ou, justamente, desabituaados a tê-la facilmente às mãos. A fome, através do dinheiro que, por sua vez, aconselha ou humilha sobre a parte da vida que não é gratuita. O rosto quando reclama algum esforço próprio sem a urgência alheia. O rosto e a fome que a falta de comida e de bebida condenam ao desabrigo. A língua à solta. O rosto rijo. O peito condoído. O álcool dilacerante. Os olhos abertos. A boca voraz e selvagem num corpo suprimindo desejos, quiçá, o passado, o presente e o futuro.*

*Propus que comêssemos na lanchonete grega, a poucos metros dali e, bastou o começo da minha frase... para emendar seus passos largos, o começo de uma longa conversa e o nosso caso improvável.*

*Naquela altura da vida eu andava ocupada com a minha lista de urgências: cem medidas a tomar, cem telefonemas pendentes, cem entrevistas marcadas, cem cartas atrasadas, cem mil nada, cem deriva... Embora diante daquele homem cada atraso poderia certamente esperar.*

*Ele escolhera a rua como casa e ambiente de trabalho, eu, coloquei de lado as minhas aflições e desaprendendo sobre o meu mundo fui, então, apreendendo o seu. Esqueci voluntariamente quem eu era e o que eu fazia pelo quarteirão, apenas, para ser ele, saber dele, ouvir o que ele contava sem qualquer pedido, urgência ou simulação.*

*Durante três horas e, mais tarde, durante três dias, ouvi a sua história entre cantos, becos, vitrinas e marquises. Duraram três semanas. Seu espírito livre, aberto ao risco e sobretudo aos imprevistos ensinaram-me, pois, sobre os abismos em terra firme. Desde que lhe apetecesse, então, ele trocava de casa, mudava de quarteirão ou de bairro, escolhendo novos muros, paredes e vitrinas, novos vizinhos e novos hábitos para não morrer asfixiado pela rotina. Ele era um homem da rua, ou eu deveria dizer (?),*

*um homem de rua, de avenida, de boulevard, de beco, de travessa, de ponte, de asfalto, de calçada, de sol, de chuva, de neve, de folha solta, folhas do outono, de flores, as flores dos jardins na primavera, enfim, um homem. Com cem primaveras como os seus cem papéis sobre as primaveras em cartões postais...*

*Mostrou-me o seu caderno, uma espécie de álbum, grande e espesso, como têm os colecionadores de gravuras e aquarelas. Nele, um sem número de papéis; resquícios da vida urbana, recolhidos do chão, durante anos – sete ou oito – desde que abandonados: a música, o estúdio, os instrumentos de percussão, o apartamento em Montmartre, a sua familiaridade com uma certa tradição rítmica, e os amigos, muitos naquela época, com quem compunha ou para quem criava harmonias e arranjos.*

*Aberto o álbum percebi que precisaria de cem dias para percorrer seus apontamentos e achados entre cem outros papéis: cem poemas, cem versos avulsos, cem contos, cem começos para um romance inacabado, cem sonetos em partitura, cem cantos africanos, cem fotografias reconstituídas, a partir do lixo público, como também, cem desenhos sobre o verão em Cannes, cem rostos do ano passado recolhidos pelas revistas abandonadas em bancos de metrô ou de praça e, também, cem receitas doces misturadas às salgadas, as cem canções que mais gostava, cem fragmentos de uma nota de cem euros, cem embalagens de cigarro, cem selos sem cartas, cem dias numa prisão qualquer, cem gotas de sangue sobre o nome da família, cem desejos perdidos, cem dias de luto, cem fios de cabelo, cem mil tesouros de rua, cem mil nada recolhidos por Abá Ajagunã. O seu nome. Um nome entre tantos outros sem domicílio fixo entre os homens e mulheres sem papéis na cidade de Paris.*

*O grande caderno, de capa dura, certamente contava com cem folhas ou mais. No meio, pelas duas faces unidas, ele reconstituía o itinerário de uma semana, através de cem bilhetes de metrô, todos eles, encontrados no chão. Colados, um ao lado do outro, segundo dias e horários distintos, ali, os indícios sobre os percursos, de um homem e de uma mulher, inventados por Abá, bem como seus encontros e desencontros inopinados.*

*Nas duas últimas semanas ele se interessava por discursos e mensagens de carácter xenofóbico. Mostrou-me uma série deles, mas em particular, uma, escrita por uma mesma pessoa, segundo o próprio testemunho da*

*caligrafia e um mesmo tipo e cor de papel. Assim, reconstituídos por Abá, os nomes das estações de metrô e as ruas adjacentes dos bairros mais centrais, onde o suposto xenófobo teria passado, colando suas mensagens contra negros, judeus, imigrantes e refugiados.*

*Abá Ajagunā sempre que podia, preferia recolher, cortar e colar os seus achados no Aeroporto Charles de Gaulle. Em certos dias e horários o aeroporto ele disse:*

*- É de uma generosidade extrema! Pode-se encontrar de um tudo, mas o que me inspira, especialmente, são as marcas de batom em guardanapos de papel... Os formatos das bocas mais femininas, delicadas ou extravagantes... esquecidos sobre as mesas dos cafés ou deixados, voluntariamente, como um presente, discreto, mas sugestivo ao meu voyeurismo sem consequência e sem maldade... apenas um divertimento para a minha fantasia... sem baile de carnaval; ele acrescentou.*

*As flores poderiam fazer parte da coleção de Abá, mas são tão efêmeras e frágeis que ele se decidiu pelos extratos perfumados; distribuídos como amostra por jovens vendedoras à frente das perfumarias e casas de cosméticos. O perfume, ao longo do tempo, faz-se indefinido e desaparece no interior do caderno. Permanece apenas uma mancha. Basta, então, ele disse, que uma nova amostra perfumada seja substituída por uma nova essência e, durante dias e dias, o meu caderno exala doçura e um certo frescor...*

*Na última vez que nos encontramos trouxe-lhe uns tantos cartões postais sobre a África. Cheguei animada sem saber que aquilo seria profundamente cruel e ofensivo no colo de sua memória. Ao catador de papel e ao inventor de minúcias propus, então, que escrevêssemos cem frases. Uma ao lado da outra, uma pelo princípio da seguinte e, assim, sucessivamente, até a centésima. Abá aceitou meu passatempo sem predicado, mas que serviu para consumir o constrangimento criado em torno do meu presente. Uma vez concluídas passamos, então, a enumerar cem nomes de homens e, cem outros, de mulheres, como também fizemos com cem nomes de pedras, cem nomes de plantas, cem nomes de aves, de mamíferos, de insetos, de cidades, de artistas e, inclusive, em diferentes línguas, cem palavrões e cem formas de insulto...*

*Rimos muito, rimos tanto, rimos sem parar, rimos debochadamente, de cada um e do outro, rimos de nervoso e, num dado momento, chorávamos de rir. Compulsivamente. Até prevalecer o choro, o soluço e cem dores sem motivos e sem remédios para os seus cem males, sem saída, cem viagens, cem destinos cruzados, cem exílios feitos, sem qualquer retorno, sem visita aos pais, cem lembranças em cem noites claras, sem amigos, cem pretextos, cem silêncios, cem gotas de sangue sem Deus, cem adeus...*

*\* Catitu Tayassu é  
Escritora, professora, pesquisadora e curadora do projeto bilingue  
e associação “Pour la vie ailleurs, Pour la vie maintenant –  
Pela vida afora, Pela vida agora”.*

Paris, 02 de Julho de 2006.

Ao catador de quimeras